

Rodrigo Goldschmidt

# *De Mãos Dadas*



2024©Copyright - UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense  
Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário C.P. 3167 – 88806-000 – Criciúma – SC  
Fone: +55 (48) 3431-2500 - Fax: +55 (48) 3431-2750

Reitora

Luciane Bisognin Ceretta

Conselho Editorial

Dimas de Oliveira Estevam (Presidente)

Adriano Michael Bernardin

Angela Cristina Di Palma Back

Cinara Ludvig Goncalves

Ismael Francisco de Souza

Marco Antonio da Silva

Merisandra Cortes de Mattos Garcia

Rafael Rodrigo Mueller

Reginaldo de Souza Vieira

Ricardo Luiz de Bittencourt

Richarles Souza de Carvalho

Susana Cararo Confortin

Vilson Menegon Bristot

Rodrigo Goldschmidt

# *De Mãos Dadas*



**Criciúma  
UNESC  
2024**

Editora da UNESCO

Editor-Chefe: Dimas de Oliveira Estevam

Preparação, revisão ortográfica e gramatical: Margareth Maria Kanarek

Projeto gráfico, diagramação e capa: Luiz Augusto Pereira

As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de  
inteira responsabilidade de seu autor.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G623d Goldschmidt, Rodrigo.  
De mãos dadas [recurso eletrônico] /  
Rodrigo Goldschmidt. - Criciúma, SC :  
Ediunesco, 2024.  
42 p. : il.

Modo de acesso: <<https://www.unesc.net/portal/capa/index/300/5886/>>.  
ISBN: 978-65-85766-27-2

1. Peregrinos e peregrinações - Santiago de Compostela (Espanha). 2. Santiago de Compostela (Espanha) - Descrições e viagens.  
3. Peregrinos e peregrinações - Narrativas pessoais. I. Título.

CDD - 22.ed. 910.4

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESCO

Só quem vivencia uma peregrinação, entregando-se a ela de corpo e alma, sabe o quanto isso edifica e transforma a pessoa para uma versão melhor dela mesma. A peregrinação é, em síntese, um convite que Deus nos faz para renovarmos, com Ele, a nossa aliança. Peregrinar com a Marilde, para além de tudo isso, dessa união fundamental com Deus, foi uma experiência de união entre nós, algo transcendente, como se fôssemos um só. Vivemos intensamente cada minuto dessa bela jornada, de mãos dadas, com felicidade e emoção. Uma experiência singular, de renovação e espiritualidade, que nos permitiu ver, de forma mais clara, o sentido e a grandeza da vida. Com amor e fé agradecemos a Deus e a Santiago de Compostela, rogando que nos permitam realizar outras peregrinações como esta aqui compartilhada.

## Sumário

Apresentação	7
1 - Dia 08 de junho de 2023 A partida do Brasil	8
2 - Dia 09 de junho de 2023 A chegada a Portugal	9
3 - Dia 10 de junho de 2023 Início da peregrinação – De Porto (Mosteiró) para Arcos	11
4 - Dia 11 de junho de 2023 De Arcos para Barcelos	14
5 - Dia 12 de junho de 2023 De Barcelos para Bulgães	21
6 - Dia 13 de junho de 2023 De Bulgães para Ponte de Lima	26
7 - Dia 14 de junho de 2023 Ponte de Lima a Cossourado	33
8 - Dia 15 de junho de 2023 De Cossourado a Valença do Minho	38
9 - Dia 16 de junho de 2023 Regresso de Valença até a cidade do Porto	42

## Apresentação

Este livro contém o registro real e naturalmente romanceado de uma peregrinação que minha esposa Marilde e eu realizamos no mês de junho de 2023, cumprindo as etapas do Caminho Central Português de Santiago de Compostela, saindo da cidade do Porto e chegando à cidade de Valença do Minho.

O texto é estruturado e desenvolvido no formato de um diário para que o(a) leitor(a) tenha um toque de realismo, do tipo “é como se eu estivesse caminhando junto com o casal” e, por causa disso, transporte-se para dentro da história e a vivencie.

Por esse motivo, foi utilizado o método descritivo, mas sem privar o(a) leitor(a) da sensibilidade e do imaginário.

Sempre reputei importante registrar momentos marcantes de minha vida, a exemplo desta peregrinação, não só para revê-la por meio da leitura, mas também para permitir que outras pessoas, em especial a minha descendência, possam colher algo que lhes pareça bacana e, quem sabe, inspirar-se e mover-se em um mesmo sentido.

É um texto que revela um pouco da intimidade e cumplicidade de um casal que se ama, que há muito tempo convive e pretende seguir assim até o final desta existência, sempre de mãos dadas.

## 1 - Dia 08 de junho de 2023

### A partida do Brasil

Uma boa noite de sono, um despertar mágico ao lado dela. O sol brilhava lá fora e nos sorria. Últimos preparativos: organizar as malas, deixar umas compras feitas para a semana e passar algumas recomendações para os filhos na nossa ausência. Almoçamos todos juntos. Ao depois, despedimo-nos com um abraço apertado, carregamos o carro e pegamos a estrada.

Viagem tranquila. Uma parada no Restaurante Maquiné para tomar uma água e um café (rimou). Mais estrada e uma boa conversa. Estacionamos o carro na garagem do aeroporto de Porto de Alegre. *Chek-in* tranquilo. Um lanche, um papo e uma leitura. Embarcamos, de mãos dadas, rumo à nossa aventura.



## 2 - Dia 09 de junho de 2023

### A chegada a Portugal

Após uma noite tranquila de voo, tendo eu assistido a dois filmes – *A Baleia* e *Para Sempre Jovem* –, pousamos na cidade de Lisboa. Passamos pela cheia e demorada fila da imigração e fomos para o interior do aeroporto para aguardar o nosso próximo voo para a cidade do Porto. Após irmos ao banheiro, a Marilde e eu nos sentamos juntos à mesa de um restaurante. Enquanto ela colocava os *chips* internacionais nos nossos telefones celulares, eu fui comprar duas cervejas e uma água.

Conversamos e descansamos um pouco. Aproveitamos para mandar mensagens aos nossos familiares, tranquilizando-os com a nossa chegada e o bom voo. Ficamos um tempo no local e então resolvemos comer um lanche. Fui ao balcão novamente e pedi um “prego” e uma cerveja para compartilharmos. Estava muito bom. De lá nos dirigimos até o portão de embarque.

O voo atrasou. Estávamos cansados devido a uma noite de pouco sono na aeronave. Embarcamos para mais uma etapa. No voo, cochilei. Foi rápido. Pousamos na cidade do Porto e tivemos que esperar por quase uma hora para retirar as nossas malas. Pegamos um táxi. O taxista era bem legal, atencioso e com o qual mantivemos uma agradável conversa. Chegamos ao hotel, subimos ao quarto e tomamos um bom e demorado banho.

Às 19 horas, tal como anteriormente combinado, apareceu o Sr. Frederico, da operadora de turismo *Greenwalks* (com sede na Vila de Ponte de Lima, o qual intermediou a logística e as estadias na nossa peregrinação) para nos entregar as “vieiras” e as credenciais de peregrinos, bem como o guia de viagem e os *vouchers* para os hotéis ao longo do caminho. Recebemos também, de cortesia, duas camisetas do tipo *dry feet* de cor verde para a caminhada. Muito bonitas.

Após receber as orientações e informações úteis para a nossa peregrinação, despedimo-nos. Subi ao quarto, então a Marilde e eu nos

vestimos e saímos para passear e jantar. O clima estava de ameno para frio. Levamos nossas “japonas”. Descemos para a Ribeira do D’ouro, passamos por lugares que já conhecíamos de outras estadas, sempre relembRANDO momentos felizes por lá experimentados.

Chegando à Ribeira, defronte à ponte em forma de arco, sentamo-nos em cadeiras que estavam na parte de fora de um restaurante de comida italiana e tomamos um bom vinho verde, comendo, de entrada, umas *bruschettas*. Ao depois, como prato principal, saboreamos uma massa *fettuccine* com frutos do mar. Brindamos em homenagem à vida e nos divertimos com uma boa conversa, vendo o sol se pôr e as múltiplas luzes se acenderem, num cenário incrível, que não esqueceremos jamais.

Do outro lado do rio, letreiros luminosos nominavam marcas mundialmente conhecidas de vinho do Porto. Após terminarmos a nossa janta, saímos de mãos dadas pela Ribeira, atravessamos a ponte e fomos caminhando para o outro lado do rio. De lá, novas e belas perspectivas. Tiramos belas fotos.

Começou a cair uma garoa. Tivemos, a contragosto, que encerrar aquele momento de encanto. Pegamos um táxi e voltamos para o nosso hotel. Cansados, porém muito felizes, fomos dormir para estarmos em condições de dar início à nossa peregrinação no dia seguinte.



### 3 - Dia 10 de junho de 2023

#### Início da peregrinação – De Porto (Mosteiró) para Arcos

Após uma boa noite de sono, acordamos às sete horas, fizemos nossa higiene, vestimos as nossas roupas especiais de caminhada e descemos para tomar café. O *buffet* era variado, com muitos itens saborosos. Aproveitamos e pegamos duas bananas para a caminhada. Em seguida, subimos ao quarto, fechamos as malas e descemos para a recepção do hotel. Rui, o nosso motorista, já estava nos aguardando. Entramos no carro e fomos levados até um pequeno vilarejo (um distrito da cidade do Porto) para o início da caminhada.

Lá chegando, descemos do carro e, numa pequena praça local, posicionamo-nos a Marilde e eu para a foto inicial de nossa peregrinação. Daquele momento em diante seriam só nós dois. Encontramos a primeira seta amarela indicando o caminho e, de mão dadas, por ele seguimos, vibrantes pelo desafio.

Um pouco mais adiante, paramos para alongar e aquecer melhor as articulações. Cada um carregava uma pequena mochila. Iniciamos com ritmo leve, apreciando o caminho. Logo começaram as imagens pitorescas: jardins floridos, casas com detalhes em azulejos (em geral, com motivos religiosos), sacos para pães dependurados nas maçanetas das portas, pequenas fontes de água, cruzeiros, etc.

Passamos por pequenas propriedades – algumas abertas, outras circundadas de grossos muros de pedra – e por trechos ora com bastante movimento de carros, ora rurais e tranquilos. Paramos num café para carimbar as nossas credenciais e pegar mais água. Havia no café alguns senhores de idade lendo jornais, enquanto outros assistiam à TV. A Marilde foi ao banheiro. Havia poemas transcritos nas paredes do estabelecimento. Enquanto aguardava a minha parceira, li uns dois ou três poemas e achei bacana a iniciativa. De lá saímos e seguimos em frente.

Mais adiante, perto de uma serralheria, havia uma caixa de metal com uma porta de vidro. Anexa a ela havia uma pequena mesinha. Dentro da caixa, tinha um carimbo e uma almofada embebida em tinta para carimbar as credenciais de peregrino. Aproveitamos para fazer isso e tirar uma foto.

De lá, seguimos tirando outras fotos de flores e de árvores de limão siciliano. Paramos em um mosteiro para descansar e comer as nossas bananas. Já tinha estado naquele local e foi muito bom recordar. Tirei uma foto no mesmo lugar onde me sentei na peregrinação anterior. Reparamos que, num cemitério anexo, algumas famílias estavam limpando as lápides e deixando flores aos seus entes queridos. A Marilde e eu recorremos o local, então lhe mostrei que nele, nos fundos da igreja, funcionava um albergue para peregrinos.

Seguimos caminho e, não muito longe de lá, subimos até uma pequena igreja, onde, do alto, a paisagem era muito bonita. Fizemos uma filmagem para mandar para Laila, a nossa professora de educação física, que nos preparou para a caminhada (o objetivo era mostrar que estávamos bem fisicamente, subindo caminhos mais íngremes). Entramos na igreja e rezamos.

Depois de um certo tempo de caminhada, paramos novamente em uma lancheria para ir ao banheiro. Aproveitamos para descansar um pouco, tomando uma cerveja e batendo um papo com a proprietária, que nos atendeu muito bem, prestando algumas informações.

Em seguida, retomamos a caminhada, agora num ritmo mais forte. O sol começou a esquentar. Paramos para repassar o protetor solar e tomar água. Cruzamos com uma peregrina, atravessamos uma ponte de pedra e, no rio, avistamos vários patos. Seguimos em frente e conferimos o *Google Maps* para ver quanto faltava para chegarmos ao hotel. Nele dizia quatorze minutos. Fomos por uma estrada com pedras mais soltas (que acabou exigindo um pouco mais do meu tornozelo esquerdo, machucado em outra oportunidade). Chegamos próximo a uma pequena ponte medieval, mas, ao tentarmos acessá-la, tivemos que aguardar uma caravana de carros que, segundo constatamos, estava saindo de alguma festa local.

Atravessamos a ponte e, logo à esquerda, avistamos o nosso hotel. Subimos pelo estacionamento e fomos até a recepção para fazer o *check-in*. As nossas malas já estavam lá. Ficamos no quarto número três do hotel Quinta São Miguel de Arcos. Lá não serviam almoço, então seguimos a pé até o Café Barbosa. Pedimos “bitoque” e uma jarra de vinho verde da casa. Estava tudo muito bom.

Assim que voltamos para o hotel, tomamos banho e descansamos. Acordei e escrevi estas linhas, tomando uma cerveja “Super Bock”. A Marilde seguiu dormindo. À tardinha, saí para caminhar no lado de fora do Quinta, então aproveitei e fui visitar a igreja ao lado, com a frente toda revestida de azulejos brancos e azuis. Contíguo a ela havia um cemitério com vários jazigos ornamentados com motivos religiosos.

A Marilde me chamou pelo *WhatsApp* para saber onde eu estava, em seguida foi lá me buscar. Voltamos para o Quinta e sentamo-nos juntos a uma mesinha onde ficamos lendo e conversando. Em seguida, uma empregada compareceu e nos avisou de que a janta estava servida. A janta foi composta por entradinhas seguidas de bifes de vitela, arroz, batatas e couve portuguesa. Pedimos um vinho tinto.

Ao nosso redor percebemos que havia turistas americanos. Uma delas (Susan) estava de aniversário, com direito a bolo e à canção de parabéns. Pedimos ananás de sobremesa. Estava bom. Conversamos e descontraímos. Pouco depois, fomos surpreendidos com uma cortesia de Susan, que mandou repartir o bolo com todos os que lá estavam presentes. Agradecemos a gentileza e recebemos a nossa fatia. Mais uma sobremesa deliciosa! Comentamos que, no dia seguinte, iríamos caprichar na caminhada para reduzir as calorias angariadas naquela bela noite.

Como tudo que é bom passa rápido, conformamo-nos com o final do dia e fomos para o nosso quarto descansar.



## 4 - Dia 11 de junho de 2023

### De Arcos para Barcelos

Acordei um pouco mais cedo e arrumei as coisas devagar. Logo a Marilde acordou. Dei uma volta pelo pátio interno do hotel, subi uma escada de pedra, que dava para o alto do muro, e de lá consegui ver bem a igreja. Depois que tirei uma foto, saí de lá e fui ao quarto para pegar as malas e deixá-las na recepção. O café foi servido às 8h30min. Terminamos o desjejum, fomos ao banheiro, acertei uma água mineral que havíamos consumido. Pedimos para a atendente tirar uma foto nossa e, isso feito, saímos, a Marilde e eu, a peregrinar rumo à cidade de Barcelos.

Uns cem metros depois, passamos no Café Barbosa para carimbar as nossas credenciais. Aproveitamos a parada para fazer um pequeno alongamento. A manhã estava agradável, a temperatura amena e o sol brilhando. Passaram por nós alguns casais de peregrinos, já com uma certa idade. A Marilde e eu preferimos ir mais devagar, conversando e curtindo a paisagem rural, com belas plantações em propriedades pequenas, cercadas geralmente por muros de pedra (rústicos). Estávamos felizes, leves e de mãos dadas.

Foi possível perceber que, ao longo do caminho, por cima dos muros de pedra, os peregrinos empilhavam uma pedra sobre a outra, da maior para a menor, simbolizando harmonia, espiritualidade e conexão. Um dos propósitos do caminho é justamente isso, melhorar como pessoa, elevar o espírito.

As paisagens que iam se descortinando eram realmente encantadoras. Tiramos várias fotos para eternizar o momento. Mais adiante, no pátio da frente de uma casa, encontrei um hórreo – espécie de silo rústico – que remonta ao tempo dos romanos, onde as famílias guardavam/armazenavam espigas de milho, grãos em geral, produtos do árduo trabalho no campo.

Hoje os hórreos têm um simbolismo religioso, de bênção, de fortuna ou de prosperidade. Claro, registramos a imagem. Temos em nossa casa, num pequeno santuário em nossa sala, um hórreo de madeira, que fica junto das imagens de Nossa Senhora de Fátima e do Apóstolo Santiago de Compostela para nos abençoar e proteger.

Seguindo, mais adiante encontramos um totem com a inscrição de que por lá seguia o caminho central de Santiago de Compostela, trazendo-nos tranquilidade e segurança de que caminhávamos no itinerário correto.

Passando por um pequeno vilarejo, deparamo-nos com uma igreja muito antiga, totalmente feita de pedras, com um interior escuro, mas ricamente decorada. Diante dela estava um grupo de peregrinos ciclistas que estavam posando para uma foto. Lá encontramos novamente aqueles casais de peregrinos que deixamos passar por nós e que saíram da mesma pousada onde havíamos dormido na noite anterior. Tirei uma foto da Marilde no local. Ficou muito bacana.

De lá seguimos pelo interior do vilarejo, que era bem bonito, mesclando edificações antigas e modernas. Ao longo da caminhada, é muito comum os peregrinos encontrarem cruzeiros (cruzes), em geral em canteiros centrais ou nas encruzilhadas. Penso que o objetivo deles é proteger o local. O povo português é marcadamente religioso e isso é possível constatar por meio de símbolos: casas cujas paredes da frente possuem azulejos com pinturas de santos, hórreos ou “alminhas” nos jardins, cruzeiros e capelas.

Logo a paisagem se tornou rural, com plantações e propriedades caprichadas. Entramos em uma trilha e vimos que nela estava edificado, mais ao lado, um totem com mapa e conteúdo explicativos do Caminho Central Português de Santiago de Compostela. Paramos para conferi-los. Uma iniciativa louvável da administração pública local, instruindo e informando os peregrinos.

Mais adiante, passamos por outro totem. Por cima dele havia pedras empilhadas, fitas e bandeirinhas de diversos países nele colocados

pelos peregrinos para deixar as suas marcas pelo caminho. A Marilde e eu não fizemos algo semelhante, optamos por tirar fotos e registrar a nossa peregrinação em livro.

Após alguma distância, deparamo-nos com uma espécie de estação de descanso, bem equipada com mesas e cadeiras, tendo um muro de pedra com vários calçados colocados por cima, com fitas coloridas, para simbolizar o esforço da caminhada do peregrino. Lá também havia uma estátua colorida do famoso “galo de Barcelos” para o peregrino com ele tirar uma foto e guardar consigo como lembrança. Local bem bacana e acolhedor.

Ficamos um pouco no local, apreciando a paisagem e também aproveitamos para tomar água. Recompostos, imprimimos um ritmo mais forte na caminhada, passando por trilhas, pontes e riachos. Por nós passou uma peregrina carregada com sua mochila e caminhando com o auxílio de dois bastões desportivos. Passamos também por algumas casas. Percebemos que o caminho começou a ficar mais difícil. Quando entramos em um distrito de Barcelos, enfrentamos algumas subidas que, aliadas ao sol, cansaram-nos. Mas estávamos motivados, pois, em breve, chegaríamos ao restaurante Pedra Furada, onde planejavamos fazer algo bem bacana, além de comer uma boa comida, é claro.

Depois de um considerável esforço, chegamos ao referido restaurante suados e cansados. Logo na entrada, na sua parede lateral, foi possível vermos várias placas de premiações da “estrela Michelin”, de vários anos consecutivos, as quais atestam ao cliente a qualidade da comida e do ambiente.

Adentrando no local, que ainda estava vazio, fomos atendidos por uma senhora que eu já conhecia de outra estada, há oito anos. Dona Maria estava igual, altiva, dando ordens, dominando o local, os cabelos um pouco mais grisalhos. Marilde não se aguentou e perguntou: “A senhora é a famosa Dona Maria?”. Como resposta, ela nos olhou perplexa, mostrando não saber quem eram aqueles dois peregrinos chamando-a pelo

nome e ainda dizendo que era famosa! Dona Maria buscou, com os olhos arregalados, uma explicação. Sorrimos para ela.

Enquanto a Marilde buscava uma mesa para nos acomodarmos, fui explicando para Dona Maria que lá eu estivera em outra ocasião com o meu amigo Gilmar, companheiro da primeira peregrinação, e que, na ocasião, fomos atendidos por ela. Expliquei também que, por termos sido bem atendidos, registrei a ocasião em um pequeno livro denominado *Goldschmidt e Bianchi no Caminho Português de Santiago de Compostela*, cujo exemplar físico eu havia levado comigo e tensionava, naquele momento, emocionante para mim, entregar-lhe.

Ela, lembrando vagamente dessa ocasião pretérita, ficou surpresa e um pouco assustada. Pedimos para uma funcionária, chamada Felipa, tirar uma foto nossa com Dona Maria para eternizar o momento e ficamos todos contentes.

Contudo, por ser domingo, dia de muito movimento, Dona Maria, chefe absoluta do local, pediu-nos licença e foi atender outros clientes que, na altura, começaram a chegar. Marilde e eu pedimos cabrito assado com batatas e legumes. Pedimos também duas taças de vinho verde. Mas Dona Maria, do tipo “*deixa de frescura*”, em vez de taças, trouxe logo uma garrafa de vinho verde, escolhida democraticamente por ela mesma, afinal não tinha tempo a perder, já que o restaurante estava lotando de gente.

Comemos tudo e “lambemos os beiços e as pontas dos dedos”, literalmente. Acabamos com a garrafa de vinho verde que, afinal de contas, revelou-se pouca (Dona Maria tinha razão). Fomos, então, agraciados com um mimo de Dona Maria: dois cálices de vinho do Porto, de safra especial, uma espécie de retribuição pelo nosso carinho para com ela, a qual, naquele momento, estava feliz e recuperada do susto inicial.

Veio até a nossa mesa o irmão de Dona Maria, Seu Antônio, o qual já havia folheado algumas páginas do livro que eu havia entregado e que queria nos conhecer. Foi muito educado e acolhedor, porém aproveitou o momento para corrigir uma informação do livro: não era cidade, mas,

sim, vila de Ponte de Lima. Ele explicou (e isso já sabíamos) que a vila de Ponte de Lima é a mais antiga de Portugal e que, por esse fato, recusava-se a alçá-la à condição de cidade (muito embora tenha porte para tanto).

Recebemos educadamente a informação e agradecemos-lhe. Na sequência, fomos ao banheiro, pagamos a conta, despedimo-nos de Dona Maria e, acompanhados pelo Senhor Antônio, dirigimo-nos a uma outra saída, que, em verdade, era um outro ambiente, um café, o qual era atendido por ele (enquanto o restaurante em si, por Dona Maria). Lá ele nos mostrou uma revista da *National Geographic*, que continha uma matéria sobre o Caminho Português de Santiago de Compostela e um destaque ao restaurante Pedra Furada.

Elogiamos o Seu Antônio. Ele então nos apresentou um livro de dedicatórias no qual havia sido lançada uma, há oito anos, em homenagem ao meu pai, João Uwe Goldschmidt, em memória de quem fez a primeira peregrinação. Desta feita, registrei que a atual peregrinação (objeto deste pequeno livro que ora escrevo) é dedicada à minha amada esposa, Marilde Angélica Webber Goldschmidt, a qual conquistou o meu coração e a minha alma.

Tiramos uma foto, despedimo-nos e seguimos em frente, em ambiente urbano e bastante movimentado de carros e motos. Fazia um calor considerável, mas estávamos alimentados, descansados e recuperados. Para ajudar no desempenho durante a caminhada, procuramos trechos com mais sombras.

Em que pese ser urbano, o caminho era bonito, com praças e casas bacanas, algumas revestidas dos clássicos azulejos portugueses. Mais casas com imagens de santos, capelas e alminhas nos pátios. De repente, ao entrarmos de novo em área rural, deparamo-nos com uma imagem inusitada: um cabrito em cima de um muro comendo folhas de uma parreira de uvas. Claro, tiramos uma foto.

Vimos também uma alminha muito bonita, com Nossa Senhora de Fátima dentro de uma capelinha e os três pastorinhos ajoelhados do lado

de fora, rezando, com as mãozinhas juntas. Vimos, também, novamente, um hórreo, só que de pedra e madeira e, julguei, em pleno funcionamento.

Uma coisa bacana: em vários trechos, havia casas com flores coloridas, hortênsias, rosas, crisântemos, *bougainville* e gérberas. Eu pedia para a Marilde se posicionar abaixo ou ao lado delas para registrar “as flores do caminho” e, entre elas, a mais bonita: a Marilde.

Vimos casas muito antigas, com imagens e símbolos esculpidos em suas paredes. E, desse modo, entre flores, plantações, símbolos religiosos diversos, igrejas, casas e outros peregrinos, fomos nos aproximando da área urbana de Barcelinhos. Uma região muito bacana, já um misto de edificações antigas e novas.

Fiz uma pequena filmagem da Marilde caminhando, “a mais nova peregrina”. Ela disse que estava cansada. Realmente foi uma caminhada longa, debaixo do sol quente, porém visivelmente feliz.

O acesso a Barcelinhos estava muito bonito, cheio de pequenas paragens e refúgios com motivos religiosos. Nas casas, além de flores, havia hortas com couves e vagens, bem como pomares com parreiras, oliveiras e pés de limões sicilianos. Tiramos algumas fotos para registrar aquela paisagem.

Passamos por Barcelinhos e descemos até a divisa com Barcelos, marcada por um belo rio e uma ponte ligando as duas localidades. Levei a Marilde até um banco localizado à margem do rio. Nele nos sentamos e ficamos contemplando a linda Barcelos, felizes e gratificados por termos encerrado mais aquela bela etapa de nossa peregrinação.

Atravessamos a ponte e logo nos deparamos com uma estátua do galo de Barcelos, que está sempre naquele local para dar as boas-vindas a turistas e peregrinos. Seguimos pelo caminho, adentrando no centro histórico de Barcelos, muito bonito por sinal, com lojas, bares, praças e agito de pessoas, especialmente porque era domingo e no centro estava acontecendo alguma festividade, com feirinha, música e parque de diversões.

Fomos até o hotel *A Bagoeira*, localizado bem no centro, onde nos hospedamos. Lavamos algumas peças de roupas, tomamos um bom banho e fomos descansar. À tardinha, a Marilde fez uma reserva em um restaurante e, um pouco mais tarde, fomos a pé até o local. O lugar era excelente, com ótima comida e ótimo ambiente. Tomamos um bom vinho verde.

Sáimos de lá já de noite e, de mãos dadas, fomos apreciar a cidade de Barcelos, que estava iluminada. Fazia um friozinho gostoso. Estávamos felizes e satisfeitos com aquele belo dia. Regressamos ao hotel para o descanso merecido.



## **5 - Dia 12 de junho de 2023**

### **De Barcelos para Bulgões**

O trecho de caminhada previsto para aquele dia era mais curto, algo em torno de quinze quilômetros. Por causa disso, a Marilde e eu resolvemos descansar um pouco mais, dormindo até um pouco mais tarde e fazendo as coisas com calma. Depois que acordamos, descemos até o café do hotel. Café simples, com um ambiente agradável. Havia pessoas falando alto e um senhor de uma certa idade que tossia escandalosamente. Assim que terminamos o desjejum, subimos ao quarto, arrumamos as nossas coisas, vestimos a nossa roupa de caminhada, descemos até a portaria, entregamos a chave, saímos e fomos passear no centro.

Perto de lá, a uns cinquenta metros, tinha uma bela praça com o pessoal da jardinagem e da manutenção trabalhando e muita gente de um lado para o outro. Dia bonito, sol já meio alto e fazia muito calor. Parei para tirar uma foto do que parecia ser um portão/portal da cidade. Muito bonito!

Lá perto também tinha uma estátua colorida do galo de Barcelos, onde a Marilde parou para tirar uma foto. Feito isso, e após uma boa olhada no local, seguimos caminhando pelo calçadão, olhando as lojas e as igrejas que iam se sucedendo.

Paramos em uma loja de óculos para comprar um de proteção solar para a Marilde, pois o seu antigo caíra e perdera a lente. Depois de provar alguns e escolher um deles, despedimo-nos da atendente e seguimos até as ruínas de um pequeno castelo situado na entrada da cidade. Lá havia placas contendo a história da cidade, itens no chão e pendurados na parede, como brasões de famílias, pedras com inscrições, banheiras de pedra, restos de colunas e peças de azulejos. Tiramos algumas fotos.

Encontramos um casal de peregrinos que pernoitou conosco no Quinta de São Miguel de Arcos. Saímos de lá de mãos dadas, felizes, caminhando sob o sol no calçadão da cidade. Entramos na loja Benetton para

dar uma olhada. Nada de interessante. Seguimos em frente até uma igreja, muito bonita por dentro, onde carimbamos a nossa credencial de peregrino.

Depois fomos nos sentar a uma mesa externa de um café. Enquanto a Marilde pedia as nossas cervejas, eu aproveitei para ir rapidinho até o nosso hotel para carimbar as nossas credenciais, pois eu havia me esquecido de carimbá-las. Feito isso, retornei ao café, a Marilde e eu pegamos os nossos copos de cerveja e fizemos um brinde à vida, ao caminho e às nossas conquistas. Foi muito prazeroso. Estava muito quente e já eram quase onze horas.

Ao nosso lado estava uma família de turcos num papo animado. Levantamos, fui acertar a conta e pegar duas garrafas de água mineral. Finalmente iniciamos o caminho do dia. Fomos saindo em linha reta, seguindo o mesmo calçadão e poucos metros adiante vimos um totem do Caminho apontando a direção correta.

Passamos por uma praça com decorações coloridas alusivas a alguma festividade religiosa que se desenvolveu no dia anterior (domingo). Bem bonito! Parei em uma rótula com um monumento colocado no alto de uma escadaria e, de lá, tirei uma bela foto da Marilde, que se posicionou ao centro de uma avenida ladeada por árvores. Barcelos é uma cidade muito bonita, caprichada mesmo, e vale muito a pena conhecê-la.

Fomos caminhando pelo meio urbano, seguindo as setas amarelas pintadas nas paredes, nas calçadas e nos postes. Passamos por um *outdoor* alusivo ao Caminho Português de Santiago de Compostela, bem bacana e colorido e eu, claro, tirei uma foto para registrar o momento.

Encontramos na calçada alguns patinetes urbanos estacionados, então a Marilde, feliz, subiu num para fazer uma graça e eu tirar uma foto. Rimos da ocasião. Gradativamente, fomos saindo da cidade para pegar cenários rurais, mas ainda passamos por várias igrejas, praças e estátuas que iam se apresentando no caminho.

Tratava-se de uma região com muitas nascentes de água e, por causa disso, mesmo sendo verão e fazendo muito calor, as plantações

estavam verdes e exuberantes. Os pátios das casas estavam repletos de flores coloridas. Tiramos muitas fotos das paisagens e das flores ao longo do caminho. De encher os olhos! As plantações, em geral, estavam cercadas por grossos muros de pedra. Alguns, julgo eu, com mais de século de existência, o que dá um efeito muito bonito ao cenário.

Mais à frente encontramos um reservatório público de água, semelhante a uma pequena piscina, o qual continha água sempre corrente de uma bica ou nascente. Tais tanques também se destinavam à lavação de roupas. Os peregrinos ocupavam-nos para se refrescar, molhando as mãos e os rostos, contudo não usavam a água para beber, pois, segundo informações locais, ela não era tratada.

Adiante, paramos numa movimentada lancheria de esquina. O sol fortíssimo do meio-dia já exigia uma parada para tomarmos água e uma preciosa “multa” em forma de cerveja. Sentamo-nos do lado de fora, parcialmente protegidos pela sombra de um toldo. Resolvemos não almoçar no local, pois ainda estávamos satisfeitos com o café da manhã.

Apreciamos o movimento e uma bonita capela que ficava de frente para nós. Terminamos a “multa” e seguimos em frente, com o sol forte por cima de nós. As paisagens que nos cercaram compensavam o esforço. Muitas flores e vilarejos bonitos. Tiramos fotos de galinheiros, de bodes, de vacas e de plantações muito verdes e organizadas.

Daí a coisa começou a complicar, o sol muito forte nos queimando, tivemos que encarar um longo trecho de subida íngreme. Foi cansativo. Tivemos que ir parando de tempos em tempos, debaixo das sombras das árvores e dos arbustos para tomar uns goles de água e se recompor do esforço. Para ajudar, a fome começou a se manifestar.

Terminado o trecho de subida, começamos a descer por um trecho onde era possível visualizar uma linha de trem e um pequeno vilarejo. Por lá nos aproximamos. Passamos por uma escola infantil, e as setas apontavam para um caminho que contornava o vilarejo, afastando-nos da possibilidade de parar e comer algo.

Avistamos uma senhora que ia entrando em seu carro, então aproveitamos para abordá-la e pedir informações. Ela nos explicou que seguindo pela rua uns duzentos metros, encontraríamos um café e nele poderíamos fazer um lanche. Seguimos a dica. Chegando ao café, constatamos que nele não havia lanches para consumo, mas fomos informados de uma padaria próxima, então para lá fomos.

Chegando lá, vimos que era um local meio precário, mas tinha banheiro, assim como mesas e cadeiras para nos sentarmos. Pedimos cervejas e dois mistos-quentes. O calor estava forte. Fizemos o nosso lanche assistindo, na TV, à *Loucademia de Polícia*. Demos algumas risadas das cenas cômicas desse antigo filme. Parecia uma “sessão da tarde” dos tempos do ensino médio. Bem legal.

A Marilde aproveitou para relaxar e ler um livro no seu *kindle*. Quando terminamos de fazer o lanche, pegamos mais águas, acertamos a conta e seguimos viagem. Tínhamos que retornar até o local da placa indicativa do caminho. Lá chegamos e retomamos à senda, agora ladeados por sombras de árvores que ajudavam a aplacar o calor.

Seguimos em ritmo bom, agora revigorados pela alimentação e pelo ligeiro descanso. O caminho era bem rural, passando por pequenas propriedades, plantações, parreirais e fontes d’água. Estávamos próximo do nosso destino. Coloquei no *Google Maps*, que indicava a “Quinta da Cancela” a uns quinhentos metros.

Percorremos tal distância e lá chegamos por volta das 16h30min. Entramos através de uma porta de cor azul, enorme, no interior do local. Tratava-se de uma quinta (propriedade rural totalmente cercada por muro de pedra) muito bonita. Chegamos à recepção, tiramos as mochilas das costas e sentamo-nos para aguardar o atendimento.

A recepção tinha uma ampla mesa, com tampo de vidro repousado sobre uma tábua de madeira, muitos quadros e adornos. Quando a atendente chegou, fizemos o *check-in* e encomendamos a nossa janta, a

qual seria servida às 18h30min. Fomos ao quarto, muito bonito por sinal, bem mobiliado, tomamos banho e descansamos um pouco.

Lavamos algumas peças de roupa e eu as estendi sob o sol para secar. Às 18h30min fomos jantar. A mesa estava ricamente arrumada. Pedimos vinho verde e comemos algumas entradinhas. O prato principal era bacalhau com batatas. Estava bem gostoso. Ficamos ali batendo papo e lembrando das peripécias do dia.

Começou a ficar fresquinho, então nos recolhemos no nosso quarto para ler um livro. Logo, cansados, fomos dormir, com um silêncio reconfortante. Foi um belo e exigente dia de caminhada.



## 6 - Dia 13 de junho de 2023

### De Bulgões para Ponte de Lima

Acordamos relativamente cedo. Havia chovido um pouco à noite. Logo pela manhã, o ar estava mais fresco e agradável. Saímos do quarto e fomos até a sala de café, que era uma antiga cozinha da Quinta, com uma pia de pedra – por onde passava água corrente – e vários itens antigos de cozinha pendurados na parede. Um charme!

O café era simples, mas estava excelente. Ali nos acomodamos ao lado de um casal americano que já tínhamos visto hospedado na primeira pousada (Quinta de São Miguel de Arcos) onde pernoitamos no caminho. Nós os cumprimentamos, iniciando entre nós um pequeno diálogo na língua inglesa, com uma certa dificuldade da minha parte, tendo em vista que não domino muito bem o idioma.

Contei a eles que eu, no passado, já havia feito o Caminho Português Central de Santiago de Compostela e que havia escrito um livro a respeito. O americano e sua esposa Susan se interessaram e pediram para olhar a capa do livro, disponível na *Amazon*. Acessei a internet e encontrei a capa e a descrição do livro. O casal tirou uma foto para pesquisar depois. Pediram, também, para fazer uma foto minha (quem sabe, um dia, eu fique famoso...). Foi bacana a experiência da conversação e interação.

Finalizamos nosso café, despedimo-nos do casal, fomos ao quarto, fizemos a nossa higiene, comparecemos na portaria para fazer o *check-out* e, finalizado, saímos da pousada Quinta da Cancela e colocamos o pé na estrada, não sem antes fazer uma *selfie* em frente à imensa porta de cor azul do estabelecimento.

O trajeto inicial era bucólico, com plantações e muito verde. Parreirais de uva, árvores de todo o tipo e água vertendo e correndo ao longo da estrada. Foram se descortinando vales muito lindos, então a Marilde e eu, de tempos em tempos, tirávamos fotos para ir registrando a paisagem.

Encontramos muitos animais, alguns cercados e outros soltos nas pastagens. Vacas, ovelhas, galinhas e bodes. Chamava a atenção a existência de várias fontes e bicas d'água. Como fazia bastante calor, íamos parando e nos refrescando. Também havia hórreos de madeira nas propriedades para guardar grãos e espigas de milho.

Lá pelas tantas, vimos que na frente de uma pequena propriedade havia uma mesa com vários produtos, cada qual custando um euro. Bastava pegar o item e deixar a moeda na caixinha, sem ninguém cuidando. Muito legal isso! Um teste de conduta reta. Pegamos uma garrafinha de água mineral e um saquinho com azeitonas pretas em conserva. Tiramos uma foto.

Naquele momento, ao olharmos para o pátio da casa, vimos uma senhora idosa, que julguei ser a proprietária do local, sacrificando um coelho para o almoço. Uma imagem pitoresca. Quando ela me viu, colocou o coelho atrás de si e me cumprimentou. Desejei um bom dia e seguimos em frente.

Ao longo do caminho, foram aparecendo capelas bem bonitas, em geral, feitas de pedras. Entramos, novamente, em trecho rural, cercado de parreirais, então fiz um vídeo da Marilde e meu, caminhando, para mostrar para a família e os amigos para terem noção da beleza do entorno.

O dia estava agradável e a caminhada muito bacana. Encontramos alguns marcos de pedra com a cruz de Malta insculpida. Penso que se tratava dos limites da propriedade. Passamos por uma casa onde, no pátio, tinha um pequeno galpão com uma varanda cheia de espigas de milho de várias cores (amarelo, laranja, roxo e marrom escuro) dependuradas, bem como vasos com plantas. Muito bonito! Tiramos uma foto para recordação.

Mais adiante, passamos por um senhor que estava carpindo um lote de terra. Usava apenas um boné para se proteger do sol. Disse um “olá” e ele, em resposta, resmungou alguma coisa. Acho que estava cansado da lida. Em outra propriedade, havia uns implementos agrícolas e um carroção a céu aberto, dentro do qual uns dois ou três bodes estavam saltitando.

Chegamos a uma área ampla, com rua e calçadas com árvores plantadas, que dava acesso, ao fundo, a uma bela igreja. Identifiquei que, na vez passada, quando lá estive, em uma porta lateral da igreja funcionava um grupo de escoteiros. Fomos tirando algumas fotos e chegando perto do recinto. Olhando para o lado direito, vimos a referida porta, tal e qual. Parei na sua frente e fiz o sinal de escoteiro para a Marilde tirar uma foto e guardar de recordação.

Fiquei contente de saber que, mesmo passados alguns anos, dentro dos quais o período pandêmico, o grupo seguia funcionando no local. Seguimos em frente. As paisagens e os locais daquela etapa da caminhada estavam particularmente bonitos.

Até a Marilde, que não é muito dessas coisas, animou-se a tirar fotos embaixo de parreiras e em locais onde houvesse flores. Inclusive fiz uma postagem nas minhas redes sociais, que denominei “flores do Caminho Português de Santiago de Compostela”, onde aparecia a Marilde com hortênsias, rosas, cravos, *bougainvilles* e gérberras.

Passamos na frente de uma propriedade que tinha uma porta verde, muito bonita, e, decorando, um bastão e um chapéu de peregrino. Muito legais! Casas e muros com símbolos da peregrinação, bastões, conchas, cumbucas e santos, em especial, Santiago de Compostela.

Paramos para descansar um pouco embaixo de um pé de oliveira onde havia um amontoado de pedras em sua base e vários símbolos pendurados em seus galhos. Mensagens, bandeirinhas e itens pessoais de peregrinos que por lá passaram. Tomamos água e comemos um pequeno sanduíche. Depois nos levantamos e seguimos viagem. Mais à frente, encontramos uma estátua de pedra, em homenagem aos peregrinos. Tirei uma foto ao lado dela. Metros depois, vimos a imagem de Santiago insculpida em uma pedra e, dessa vez, quem saiu na foto com ele foi a Marilde.

Era um pequeno vilarejo, com casas e quintas cercadas com muros de pedras. Mais flores e mais fotos da minha flor Marilde. Chegamos

a um ponto onde eu também tinha parado no passado, um banco com um indicativo de que a vila de Ponte de Lima, a partir daquele local, estava a um quilômetro. Tirei mais uma foto do local para recordar.

Caminhando em frente, a Marilde e eu chegamos à conclusão de que a placa não estava correta, já que Ponte de Lima estava a bem mais que um quilômetro de distância, pelo menos em relação ao centro da vila. Vai ver que a placa era para “incentivar” o peregrino.

Passando por um pequeno riacho, por cima da respectiva ponte, tiramos fotos de umas senhoras que estavam lavando roupas no local e estendendo-as para “quarar”. Fazia muito tempo que não presenciava essa prática, que, pelo visto, ainda deve ser corriqueira naquela parte de Portugal.

Mais adiante, passamos por uma capela em cuja frente havia um “parlatório” de pedra, um local elevado, um púlpito de onde o padre provavelmente falava com o povo, situado no lado externo da edificação. Não resisti, subi no púlpito e ali simulei uma pregação para a Marilde registrar com uma foto. Um local bem bonito onde alguns outros peregrinos estavam ou iam chegando para descansar e se abrigar do sol quente.

Alguns metros depois, passando por um local mais elevado, finalmente avistamos o lindo rio Lima, bem como uma de suas pontes (mais moderna). Ficamos felizes e ansiosos para chegar logo. Uma paisagem incrível, muito bonita. Seguindo um pouco mais, fomos nos aproximando da entrada da vila, passando por uma igreja situada no lado direito. Mais à frente, ingressamos no belíssimo “passo dos plátanos”, uma ampla e extensa calçada de pedras ladeada por plátanos centenários, que formam um verdadeiro “túnel” em virtude do encontro dos respectivos galhos, deixando o local sombreado. No lado esquerdo, para fechar a “pintura”, corre o rio Lima.

Uma daquelas imagens de cinema, muito bonita. Seguimos pelo local com calma, aproveitando a sombra generosa e o ventinho frio do rio Lima. Combinamos que voltaríamos lá à noite para ver o passo iluminado.

Entramos na vila e seguimos em direção aos restaurantes que ficavam perto da ponte medieval do período romano.

A curiosidade, como já foi comentado em páginas atrás, é que a Ponte de Lima é a vila mais antiga de Portugal, a qual, muito embora ostente porte de uma cidade pequena/média, recusa-se a pleitear tal reconhecimento, preferindo seguir enquadrada como vila e, como tal, a mais longeva do Luso.

Chegando ao nosso restaurante, já conhecido de outra estada, comemos um prato à base de frango assado e batatas, regado com o já famoso vinho verde de jarra. Bem saboroso. Após a refeição e o descanso, seguimos até a pousada Mercearia da Vila, a qual pertence ao Sr. Rodrigo.

Lá comparecendo, fomos recebidos por Dona Eva, uma empregada do local. Pedimos “pelo Seu Rodrigo”, o qual não estava na pousada naquele momento. Tinha ido fazer compras. Falei para Eva que no passeio anterior eu havia me hospedado naquele lugar e que eu tinha sido recebido pelo Seu Rodrigo, o qual, agora, aguardava-me para me conhecer pessoalmente, já que possuo o mesmo nome que o dele e que “Rodrigo” não era comum na região. Ela ficou emocionada e garantiu-me que no dia seguinte, por ocasião do café da manhã, Seu Rodrigo estaria lá para me receber e eu poder contar pessoalmente a ele essa história.

Tranquelizei-me, pois, com o período pandêmico, muitas coisas haviam mudado, muitas vidas perdidas, então temia que o estabelecimento e o próprio senhor Rodrigo não existissem mais. Subimos ao nosso quarto, que era bem bacana e com vistas para o centrinho da cidade, e tomamos banho. A Marilde, em seguida, foi se deitar para descansar. Eu, diferentemente, arrumei-me e coloquei no GPS o endereço do escritório da *Greenwalks*, a nossa operadora de turismo, comandada por seu proprietário, José Azevedo, o qual já havia me atendido e orientado na primeira peregrinação.

Queria dar a ele um exemplar físico do respectivo livro que escrevi e revê-lo pessoalmente. Saí caminhando pelo centrinho histórico, passando

por uma praça muito linda, repleta de árvores e calçadas bem-feitas. Fui entrando no centro urbano e comercial da vila de Ponte de Lima, que na verdade pareceu-me uma típica cidade, com escolas públicas e privadas, hospitais e intenso comércio.

Fui seguindo as coordenadas do GPS até encontrar a sede da empresa. Bati à porta e fui atendido por uma funcionária. Apresentei-me e adiantei a ela a minha intenção. Prontamente, fui anunciado ao Sr. José Azevedo, que veio me atender. Quando ele me viu, conheceu-me e abriu um sorriso. Recebeu-me com um abraço e disse: “*O senhor é o Dr. Rodrigo! Como está o passeio? E a sua esposa?*”. Abraçamo-nos e fui explicando que a minha parceira estava descansando na pousada e que minha passagem por ali era breve, com o objetivo de lhe entregar um exemplar físico do livro (a versão em *e-book* ele já tinha).

José me levou até uma sala de reuniões e me ofereceu água e café. Conversamos um pouco. Disse-me que estava com dificuldades para encontrar mão de obra, empregados que dominassem a língua inglesa, e que quem se apresentasse com esta habilidade teria emprego em sua empresa. Falamos mais um pouco, levantamo-nos e fizemos uma foto para simbolizar o ato da entrega do livro.

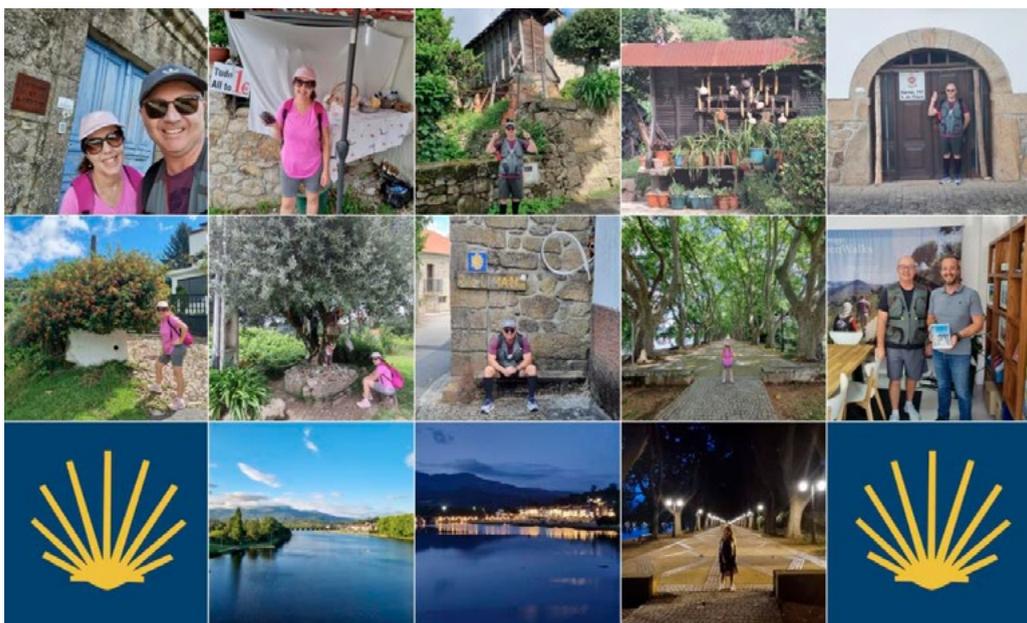
Foi uma experiência bacana e gratificante. De lá saí em direção ao hotel. Chegando ao local, vi que a Marilde já estava acordada e que havia feito reserva num restaurante muito bem recomendado pelo aplicativo *Foursquare*, com vistas para o rio Lima. Deitei um pouco para descansar e ela ficou lendo um livro. Chegando a hora da janta, arrumamo-nos e, em que pese um pouco longe, resolvemos seguir a pé para ver um pouco mais da vila.

Era horário de verão e anoitecia tarde. Fomos caminhando e vendo os casarios. Seguimos até a ponte nova, pois o restaurante ficava do outro lado. Atravessamos a ponte e, no meio dela, aproveitamos para tirar fotos da vila, que ficava ao longe. Muito bonitas as fotos. Chegamos ao restaurante, vimos que era muito bacana por dentro, todo arrumado e confortável. Das amplas janelas se tinha a vista do rio Lima. Um espetáculo!

Pedimos filé de robalo com batatas e salada, além de uma garrafa de vinho verde. A janta, o ambiente, a companhia, enfim, tudo estava divino. Terminamos essa ótima experiência, saímos do restaurante, agora já de noite, e, ao atravessarmos a ponte, tiramos novas fotos da vila iluminada. Coisa de cinema!

Atravessamos a ponte e descemos pelo passo dos plátanos, como havíamos combinado, e, mais uma vez, fomos agraciados com uma vista deslumbrante da avenida iluminada. Um momento mágico, de muita satisfação pessoal e espiritual com a peregrinação e com a minha parceira de jornada.

Então voltamos à pousada e descansamos.



## **7 - Dia 14 de junho de 2023**

### **Ponte de Lima a Cossourado**

Acordamos, fizemos a nossa higiene, peguei um exemplar do livro e descemos as escadas na expectativa de nos encontrarmos com o Senhor Rodrigo. Chegando ao salão do café, lá estava ele, arrumando uns pãozinhos e algumas frutas. Cumprimentei-o, apresentei a Marilde e contei a história da primeira peregrinação e sobre a vontade de reencontrá-lo. Seu Rodrigo teve certa dificuldade de se lembrar, mas quando lhe contei mais detalhes, inclusive que o próprio pai dele se chamava Rodrigo, então ele se lembrou e esboçou um grande sorriso.

Dei-lhe um exemplar do livro e tiramos uma foto juntos. Ele, um pouco encabulado, mas visivelmente feliz com a lembrança e consideração que lhe dediquei. Sentamo-nos para tomar café. O salão estava muito bonito, parecendo do século passado, com cartazes da época, moedores de café, malas antigas, copos e taças antigos, enfim, o local era uma mercearia, e Seu Rodrigo quis manter algumas características correspondentes em memória de seus pais e da vida que ele dedicou ao empreendimento familiar.

Seu Rodrigo explicou que estava sozinho no local, sendo ajudado por sua funcionária Eva. Disse ter se aposentado como professor de matemática e que seus filhos, uma arquiteta e um economista, estavam trabalhando em outros países da Europa. De vez em quando, eles vinham-no visitar. Vida que segue.

Falamos um pouco dos nossos filhos, Livia e Lucas. Terminamos o café, subimos para pegar as nossas coisas, despedimo-nos afetuosamente e saímos da pousada rumo a Cossourado, a próxima localidade de destino.

Seguimos pelo centrinho até a ponte romana medieval. Em 2022, quando a Marilde e eu visitamos as cidades de Guimarães e de Braga, reservamos um dia para fazer um “bate e volta” até a vila de Ponte de Lima, quando então passei com a Marilde e mostrei-lhe o passo dos plátanos e a

ponte medieval. Então ela já conhecia o local, mas revivemos a experiência de novamente atravessar a ponte antiga. Foi gratificante.

Fomos devagar, aproveitando a linda vista e nos despedindo da vila, a qual prometemos que visitaremos novamente, quem sabe com os filhos. Após atravessar a ponte, na primeira esquina, à direita, tinha uma loja que vendia itens aos peregrinos, como lembranças, bastões, bonés, etc. Bacana o local, porém não paramos, seguimos em frente. Tive vontade de comprar algo por lá, mas desisti.

Em seguida, o caminho já foi assumindo uma feição rural, com parreiras de uvas, as quais já formavam cachos, mas ainda estavam muito verdes. A paisagem estava bem bonita, então tiramos algumas fotos. Passamos por um pequeno vilarejo com uma edificação de pedras situada na beira do caminho, que chamou a atenção, pois possuía uma espécie de jardim plantado em um patamar alto, de onde resplandecia uma bela árvore oliveira.

Próximo ao local, também de pedra, erguia-se uma bela capela, com um campanário construído ao seu lado. O dia estava excelente, com sol bem quente e brilhante, com muitos passarinhos e fontes de água. O dia prometia ser cansativo por causa dos trechos com subidas, mas estávamos animados e até gravamos um pequeno vídeo para enviar aos amigos e familiares.

Seguindo em frente, chegamos a um paradoro onde havia um *trailer* estacionado, uma casa de pedra com uma varanda grande e com bancos para os peregrinos se sentar, descansar, tomar algo e comer. Ao lado corria um pequeno rio que estava represado em tanques destinados à pesca. Um lugar bonito e agradável, mantido por um casal de italianos. Paramos e tomamos água e cerveja.

Aproveitamos para ir ao banheiro. Lá eu comprei uma correntinha para a Marilde, com um pingente de vieira e, para mim, uns “pins” do Caminho de Santiago. A Marilde aproveitou para ler um pouco o seu livro eletrônico. O ambiente estava bem agradável, mas não poderíamos nos demorar, pois o trecho seria razoavelmente longo (20 km) e com subidas.

O sol estava alto e quente. Aproveitamos para reforçar o protetor solar e seguimos em frente por uma estrada de chão, que ia por dentro de uma pequena floresta. Alguns quilômetros depois, passamos por um pequeno povoado onde havia muitas flores plantadas. A Marilde tirou uma foto com elas. Por nós passaram uns senhores e algumas senhoras que nos desejaram “boa subida” em vez de “bom caminho” (bordão dos peregrinos). A Marilde e eu nos olhamos e “sentimos” o que estava nos aguardando...

Começamos uma subida razoável. Depois de suarmos muito, resolvemos parar num local com sombra, próximo de uma corredeira seguida de uma cachoeira de água para comer uma fruta. Bonito o local. Fizemos um pequeno vídeo.

Levantamos e seguimos em frente. Chegamos a uma vila e tiramos fotos de uma pequena capela com um cruzeiro de pedra em sua frente. O sol estava forte, então não nos demoramos por lá. Chamava a atenção que nos muros das casas havia caixas de correio e caixas de pão, em geral, com um santo esculpido, mas algumas com a seta amarela.

Novamente apareceram quintas com parreiras de uva, formando uma bela paisagem com muito verde, característico do norte de Portugal. O caminho, sempre em subida, já ia nos cansando. Fizemos um vídeo de uma subida íngreme, com a Marilde caminhando na frente para mandar para a nossa professora Laila de Freitas e provar que, em que pese turistando e peregrinando, estávamos mantendo atividade física considerável.

Ao longo do caminho, íamos encontrando flores das mais diversas, chamando a atenção as hortências, de cores azul e violeta. Chegamos à base de uma trilha muito íngreme, que mais parecia um leito de uma corredeira de água, com pedras enormes. Já não era um caminho, mas uma espécie de trilha de escalada, até perigosa.

A Marilde, que já estava cansada, brincando disse: “*Chama o Azevedo para vir me buscar*”. “Azevedo” era/é o proprietário da *Greenwalks*, operadora de turismo que nos vendeu o pacote do Caminho. Demos risada e seguimos a oitava lei dos escoteiros: “O escoteiro é alegre e sorri nas

dificuldades”. Com esse espírito, iniciamos a subida, ou melhor, a escalada. Foi difícil e cansativo.

Quando chegamos ao topo, escoramo-nos numa árvore para respirar e tomar uns goles de água. Mas as subidas não pararam. Pior, pegamos sol a pino, com pedras soltas. Um terreno muito feio que estavam patrolando, com árvores cerradas e caídas ao longo do caminho. Achamos um local meio precário, na beira da estrada, com uma pedra na qual a Marilde se sentou e eu fiquei de pé, mal protegidos do sol.

Ali comemos um sanduíche que havíamos preparado na mercearia/pousada do senhor Rodrigo. Por nós passou um peregrino com uma mochila que aparentava ser pesada. Ele ia caminhando com o apoio de dois bastões desportivos. Cumprimentou-nos e seguiu em frente. Terminamos o lanche e fizemos o mesmo.

Chegamos a um altiplano com paisagens mais bonitas, então nos animamos um pouco. Tiramos fotos de umas ovelhas que, ainda não tosquiadas, sofriam com o calor e se resguardavam embaixo de uma sombra de árvore. Passamos por outro vilarejo, com casas, capelas e uma estátua de Santiago. Chamou a atenção a existência, no local, de hórreos e de uma ponte de arcos medieval.

Também havia um totem indicando a direção de Cossourado, com os seguintes dizeres: “Foi nesse local que em princípios dos anos 90 nasceu a primeira seta dos caminhos de Santiago, tal como a sua original cor amarela”. Portanto, um local histórico e relevante do Caminho que estávamos trilhando.

Mais adiante, na beira da estrada, paramos numa pequena lanchonete, uma espécie de *biergarten*, onde paramos para tomar água e cerveja. Descansamos um pouco e conversamos com um casal da Inglaterra que tinha, os dois, idades semelhantes à nossa. Ela nos contou que montou a programação do Caminho e fez as reservas das pousadas por meio da internet. Disseram, ainda, que gostavam de caminhar e de fazer trilhas na Inglaterra.

Eu expliquei que já tinha feito o Caminho em época passada e que agora estava repetindo com a minha esposa. Comentei que fizemos o planejamento e a reserva de pousadas pela operadora *Greenwalks* e que não havia saído caro. A peregrina inglesa disse que, da próxima vez, iria programar a caminhada com uma operadora.

Após mais um pouco de diálogo, despedimo-nos e seguimos em frente. Mais adiante, na beira de um rio, tinha uma placa de metal emoldurando a foto de quem ali se posicionava para tal. Aproveitamos para fazer mais um registro fotográfico. Um pouco mais à frente, uns quinhentos metros depois, chegamos ao vilarejo rural onde ficava situada a pousada Casa da Capela, nosso destino.

Ao chegarmos, apresentamo-nos, fizemos o *check-in* e fomos para o nosso quarto para tomar banho e descansar. Jantamos cedo, por volta das 18h30min. Estava bom, comida simples, mas num local acolhedor. À noite lemos um pouco e depois descansamos.



## 8 - Dia 15 de junho de 2023

### De Cossourado a Valença do Minho

Acordamos cedo, arrumamos as malas e as levamos até a recepção. Tomamos café com calma. Fizemos o *check-out* e seguimos para a nossa última etapa da peregrinação.

O dia estava bonito. O tempo fresquinho e nós muito animados. Ao sair da pousada, bem na frente, há um tanque de água para a lavação de roupa, onde já havia alguns peregrinos se refrescando e descansando à sombra. Apenas olhamos e seguimos em frente.

O caminho se apresentou tranquilo, com tempo ameno, muita vegetação e sombras, o que tornava agradável a jornada. As paisagens que iam se descortinando eram bonitas, com flores, casas e capelas de pedra ao longo da estrada. Uns dois quilômetros à frente, passamos por um pequeno vilarejo, com o comércio aberto e pessoas transitando pela rua. O destaque foi uma bela igreja, com um alto campanário que ficava num ponto igualmente elevado, o que permitia ver a edificação por vários ângulos.

No mesmo local, uma praça com árvores frondosas e antigas, um lugar realmente bonito. Aos poucos fomos saindo da vila e entrando num caminho rural, que desembocou numa pequena floresta. Aproveitei o belo cenário para fazer um pequeno vídeo da Marilde caminhando a fim de mostrá-lo para a família e guardá-lo de recordação.

Saindo do bosque, à nossa esquerda, surgiu um belo vale, com plantações bem arrumadas, uma vista bem bacana. O céu estava azul, limpo, com um sol brilhando. Mais adiante passamos por uma edificação cuja porta de cor vermelha nos chamou a atenção. Em cima dela estava o ano de construção: 1872. Fiquei imaginando... eu nasci em 1972. Então, no meu nascimento, aquela casa já guardava 100 anos de história. Quantos fatos da vida, de várias pessoas, suponho, ocorreram lá dentro?

Pois é. Analisando a história, damo-nos conta de quanto a nossa vida é breve. Façamos, pois, valer a pena. O nosso caminho, da Marilde e meu, de mão dadas, é um desses acontecimentos que dão sentido à vida, um presente de Deus a um casal que pautou e pauta sua jornada pelo justo e pelo correto. Um destaque na nossa história, registrado nestas breves linhas.

Dito isso, mais adiante no caminho, passamos por outro tanque público de água, um pouco mais afastado da estrada, rodeado de arbustos. Parecia abandonado. Por lá, à sombra, a Marilde e eu fizemos uma *selfie* sorridentes, pois de fato estávamos felizes com a nossa jornada e seus encantos, mas, por outro lado, um pouco saudosistas, pois estávamos perto de chegar ao nosso destino final.

Mais campos e plantações foram surgindo. Um pouco à frente passamos por uma bela capela e naquele local tirei uma foto da Marilde. Na sequência, surgiu-nos um pequeno vilarejo e na margem da estrada avistamos uma pequena mercearia com uma varanda em sua frente, com mesas e cadeiras. Nela se encontravam sentados alguns peregrinos. Resolvemos parar para ir ao banheiro e, claro, para tomar uma cerveja “Super Bock”.

Enquanto a Marilde foi ao banheiro, acabei puxando uma conversa com um peregrino americano. Em que pese não ser fluente no idioma inglês consegui me comunicar e compreender o que dizia o meu interlocutor, o qual me explicou que o seu filho estava fazendo faculdade na cidade do Porto e que tinha ido visitá-lo em suas férias.

Disse que aproveitaram a ocasião para fazer a peregrinação e que estavam gostando muito. De minha parte, expliquei que estava fazendo a peregrinação pela segunda vez, agora na companhia de minha esposa, e que também estávamos gostando muito. A Marilde chegou e cumprimentou o peregrino americano, o qual foi se levantando e se despedindo para retomar a jornada com o seu filho.

A Marilde e eu ficamos mais um pouco naquele lugar, descansando e curtindo a nossa cerveja. Enquanto ela lia o seu livro no *kindle*, eu fui dar

uma olhada na igreja que estava na nossa frente. Era bem antiga. Dentro dela tinha um pessoal conversando. Fui à parte de trás, onde era possível ver uma bela paisagem, que dava para um vale e para um pequeno bosque o qual ficava no lado esquerdo.

Voltei, coloquei a mochila nas costas, dei a mão para a Marilde e retomamos a caminhada. Agora as casas à beira da estrada foram se tornando mais frequentes. Era uma região bucólica, com casas, pequenas plantações e muitas árvores. Passamos por uma hospedagem para peregrinos, bem bonita e arrumada, com churrasqueira e mesas externas. Na sequência, passamos por um belo parreiral, muito bem alinhado e estruturado, um charme. O céu estava com um azul incrível.

Novamente capelas de pedras e tanques públicos de lavação de roupa. Tiramos algumas fotos. Gradativamente, fomos entrando no município de Valença. Aumentou o número de edificações e percebemos o fluxo de carros. Vimos, também, um número maior de peregrinos. Na altura, perto do meio-dia, já estava quente e nós suados e com sede.

Achamos uma lancheria bacana e entramos. Fiz o pedido de duas cervejas e de um prato do meu petisco favorito naquela região: pimentas padrão. Comemos e bebemos com gosto, assistindo às notícias locais e regionais na televisão. Fomos até o centro e, antes de entrar no nosso hotel, decidimos ir primeiro até o forte pentagonal para a Marilde conhecer a fortificação e a gente almoçar em um dos restaurantes existentes em seu interior.

Era a terceira vez que eu ali estava e foi uma satisfação renovada. Ingressamos e fomos até um restaurante bem avaliado. Sentamo-nos a uma mesa externa e pedimos um lauto almoço e cervejas. Ficamos descansando, curtindo e comemorando a nossa chegada, o ponto final da nossa peregrinação, cumprindo todas as etapas do caminho dentro de Portugal, saindo da cidade do Porto e chegando a Valença do Minho, fronteira com a Espanha. Brindamos, sorrimos e recordamos os melhores momentos de nossa caminhada, realizada juntinhos, de mão dadas.

Finalizando o almoço, fomos devagar para o nosso hotel, que ficava de frente para o forte, bem perto daquele local. Ingressamos, as nossas malas já estavam no quarto. Tomamos um bom banho e descansamos.

Mais para o final da tarde, resolvemos aproveitar para passear, fomos novamente ao forte, tiramos umas fotos e, de lá, seguimos até a ponte de metal que separa Portugal da Espanha. Tiramos fotos do lado português e do lado espanhol. Nossa intenção era jantar na Espanha, mas consultamos os aplicativos e não encontramos restaurantes por perto. Então resolvemos regressar a Valença e escolhemos outro restaurante dentro do forte para fazer a nossa despedida.

Jantamos num restaurante adorável, tomamos um bom vinho, falamos amenidades e planejamos o dia seguinte. Mais tarde, voltamos a pé até o hotel e, finalmente, descansamos.



## 9 - Dia 16 de junho de 2023

### Regresso de Valença até a cidade do Porto

Despertamos, fizemos a nossa higiene e descemos para tomar o café da manhã. Vimos no *Google Maps* onde ficava a estação de trem. Era perto. Decidimos ir a pé, empurrando as nossas malas.

Quando fomos fazer o *check-out*, a atendente nos disse para termos cautela, pois estava ocorrendo um movimento grevista dos funcionários dos comboios portugueses, então as viagens estavam sendo canceladas ou restringidas.

Bom, não tínhamos muito o que fazer. Resolvemos arriscar. Fomos a pé, empurrando as malas, então, quando percebemos, alguns minutos depois, estávamos na estação dos comboios. Chegando ao balcão, vi de pronto que o funcionário não estava de cara boa. Pedi as passagens e ele me disse que o próximo comboio sairia só ao meio-dia.

Teríamos que ficar toda a manhã ali parados na estação. Resolvi ir à rodoviária para ver se tinha ônibus para a cidade do Porto. Deixei a Marilde e as malas na estação de trem e fui a pé até a rodoviária, que ficava mais ou menos a um quilômetro daquele local. Chegando lá, fui ao balcão, e o atendente me informou que tinha um ônibus direto para o Porto, o qual sairia às 10 horas, chegando ao destino às 12h15min. Comprei as passagens e mandei mensagem para a Marilde, via *WhatsApp*, para que fosse de táxi até a rodoviária.

Minutos depois, ela chegou e ficamos ali aguardando. O ônibus chegou, embarcamos e curtimos a vista da viagem até a estação central da cidade do Porto. Aproveitamos também para descansar um pouco. Chegando lá, desembarcamos e pegamos um táxi até o nosso hotel. Fizemos o *check-in*, ingressamos no quarto, tomamos banho, trocamos de roupa e saímos para passear no Porto, aproveitando as suas atrações.

Almoçamos num restaurante bem indicado, perto do nosso hotel, que era bem central. Havia muitos turistas italianos no restaurante, um parlatório e uma algazarra divertida. Saímos tontos de lá, não só pela gritaria, mas pelo efeito do vinho, que estava muito bom, diga-se de passagem.

Andamos pela cidade, fomos até a Ribeira do D'ouro, atravessamos para o outro lado (Vila Nova de Gaia) e tiramos várias fotos, com várias paradas de descanso e contemplação. Fizemos um *happy hour* no bar badalado, que fica em cima da estação do teleférico. Um charme o local! Pedi uma cerveja Ipa e a Marilde um vinho branco. Ficamos então contemplando o D'ouro.

Conversamos muito e celebramos a nossa peregrinação e a nossa vida como um todo. Tiramos lindas fotos do entardecer, com o belo pôr do sol. De lá fomos descendo devagarinho até a beira do rio para achar um belo restaurante. Encontramos um com vistas para o rio e nele jantamos com calma, com mais bate-papo e boas memórias, só que, agora, planejando a peregrinação de 2024, fazendo etapas em Portugal e na Espanha, dessa vez tendo os filhos Livia e Lucas como parceiros, com chegada à Basílica de Santiago de Compostela para pegarmos a nossa compostelana e celebrarmos, mais uma vez, a dádiva da vida.

Mandamos mensagem via *WhatsApp* para os nossos filhos no Brasil, contando o nosso plano e perguntando a eles se topavam. Rapidamente eles nos responderam, todos animados, dizendo “*estamos dentro*”, e nós, sorrindo, fizemos um brinde para celebrar e selar esse novo projeto.

Sáímos do restaurante, como dizia o meu falecido pai João, em “*estado de graça*”, genuinamente agradecidos por tudo, por nossa vida, pela nossa família, olhando o D'ouro e a lua no céu, agradecendo a Santiago de Compostela, de quem nos tornamos devotos, dizendo a Ele que, no ano que vem, iremos nos encontrar, agora de time completo: Rodrigo, Marilde, Livia e Lucas Goldschmidt. Com a graça de Deus! Amém!



Rodrigo Goldschmidt é Pós-Doutor em Direito pela PUC/RS. Mestre e Doutor em Direito pela UFSC. Professor do Curso de Direito da UNESC. Professor e Pesquisador Permanente do PPGD/UNESC. Juiz do Trabalho Titular do TRT12. Peregrino.

Marilde Angélica Webber Goldschmidt é Especialista em Direito pela AJURIS. Juíza de Direito do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Peregrina.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem prévia permissão por escrito da Editora da UNESC.

